*Fernando Duarte*

*um mestre da luz tropical*

**Texto de apresentação: Iluminar e refletir**

Uma cinemateca é constituída não apenas por filmes

e materiais audiovisuais. Seu acervo congrega documentos

extrafílmicos de grande importância para a memória do

cinema. No caso brasileiro, onde o cinema é muito marcado

pela descontinuidade da produção e pela destruição de

inúmeros filmes, essa documentação, que cerca a produção

cinematográfica, ganha uma importância inesperada e pode

iluminar períodos e obras. O conjunto de fotografias de

Fernando Duarte é um bom exemplo de como este tipo de

material – a fotografia – permite a renovação da pesquisa

de determinado período do cinema brasileiro, e amplia os

significados de filmes já reconhecidos pela historiografia.

A Coleção Fernando Duarte apresenta a potencialidade do

acervo fotográfico da Cinemateca Brasileira para o constante

(re)descobrimento de nossa cultura visual. Esse acervo vem

sendo constituído desde as origens da instituição, nos anos

1940, e conta hoje com cerca de 130 mil peças. São fotografias

de cenas, de sets de filmagens, reproduções de fotogramas de

filmes, cartazetes – peças publicitárias dos anos 1960 e 1970 –,

fotografias de eventos relacionados à instituição no

decorrer de seus 60 anos, retratos de personalidades do meio

cinematográfico e fotografias integrantes de coleções pessoais.

O acervo abrange documentos fotográficos de todos os períodos

do cinema brasileiro e mundial, em diversos formatos e suportes

– papel, vidro, filme flexível – e imagens em preto e branco e

em cores, produzidas em processos artesanais e industriais,

fotoquímicos e digitais.

O Programa de Capacitação e Formação da Cinemateca

Brasileira – convênio entre o Fundo Nacional de Cultura e a

Sociedade Amigos da Cinemateca – possibilitou o tratamento

de conservação, catalogação e digitalização de parte do acervo

de Fernando Duarte, e este livro é fruto de uma ação conjunta,

com a participação direta do fotógrafo.

O trabalho de Fernando Duarte, fotógrafo inventivo e

sempre disposto a experimentar novos formatos e propostas

estéticas, é apresentado aqui em suas diferentes facetas. Com

uma intervenção precisa no Cinema Novo, ele contribuiu com

os diversos cineastas com quem trabalhou, ajudando a definir

a estética plural do movimento. Nas décadas posteriores, soube

se adaptar ao *technicolor* sem se deixar fascinar pela técnica,

participando de diferentes gêneros e consolidando seu estilo.

Para além do fotógrafo cinematográfico, também descobrimos

um novo Fernando Duarte, de olhar atento à realidade por

detrás das câmeras, atento à atmosfera que circunda a

filmagem cinematográfica.

Com a publicação de *Fernando Duarte, um mestre da luz*

*tropical*, a Cinemateca Brasileira, por meio da narrativa dessa

trajetória individual, procura contribuir para a reflexão sobre

um período importante do audiovisual do país. A instituição,

além de restaurar, preservar, difundir e refletir sobre as

desventuras de nosso cinema nas últimas décadas, presta a

justa homenagem ao fotógrafo renovador das maneiras de

se enfocar a realidade brasileira.

**Trecho da entrevista**

**Cinemateca Brasileira:** *Como você se aproximou da fotografia?*

**Fernando Duarte:** *Certamente foi influência de meu pai. Eu nasci*

*em São Cristovão, no Rio, e meu pai em Portugal. Ele nasceu em*

*1903 e veio para o Brasil por volta de 1916. Como todo imigrante*

*português, se dedicou ao ramo do comércio: começou como*

*ajudante de garçom, depois garçom e, em seguida, foi dono de*

*um restaurante chamado A Garota dos Arcos, na Lapa, junto ao*

*antigo aqueduto onde hoje trafega o bondinho de Santa Tereza,*

*e que se chama largo dos Arcos. Morávamos num sobrado em*

*cima do restaurante. Eu e minha irmã fazíamos o curso primário*

*e, como às quintas-feiras não tinha aula, à tarde a família toda*

*ia ao cinema e a mamãe levava meu irmão Roberto, de colo.*

*O papai gostava muito de filmes de terror, e eu já sabia que,*

*quando começava uma música forte, bem alta, e aparecia um*

*corredor comprido, o chão molhado, e uma sombra comprida*

*se arrastando pelo chão de uma figura com capa esvoaçante,*

*a coisa ia ficar preta. Cobria o rosto com as mãos, mas deixava*

*um buraquinho entre os dedos para ver um pouco da cena.*

*Aí o papai dizia: “Pronto, pode olhar, já acabou”... Acho que por aí*

*começou meu encanto com o cinema. (...)*

**Apresentação da Coleção Fernando Duarte**

A Coleção Fernando Duarteora apresentada é uma

parcela significativa dos materiais depositados pelo fotógrafo

na Cinemateca Brasileira em 2010. O Programa de Capacitação

e Formação da Cinemateca Brasileira – convênio entre o Fundo

Nacional de Cultura e a Sociedade Amigos da Cinemateca –

proporcionou a descrição e a preservação de toda a coleção, e

sua posterior digitalização qualificada. O conjunto é composto

de negativos originais do fotógrafo, diapositivos, cópias

fotográficas do titular e de terceiros, material de divulgação

dos filmes, além de referências bibliográficas e cadernos de

anotações das filmagens.

A Coleção reflete a carreira de Fernando Duarte, desde sua

colaboração no jornal *O Metropolitano*, no início da década de

1960, até a direção da fotografia de seu último longa-metragem,

passando pelo Cinema Novo e pelos experimentos em cor nas

décadas de 1970, 1980 e 1990. Composta por diversas imagens

de filmes dos quais ele participou como câmera, diretor de

fotografia ou assistente, essa Coleção tem a particularidade de

expor as qualidades do fotógrafo que, aproveitando o universo

das filmagens, se permite colher rostos, gestos, paisagens,

instantes que não se relacionam diretamente com a fatura da

obra em processo, mas que dela se servem para criar imagens

relativamente independentes. Rica por documentar o entorno

das obras, a coleção traz também registros pessoais de amigos

e familiares, além de revelar um Fernando Duarte mestre da

imagem fixa, que em diversos momentos alcança a expressão

artística autônoma.